

2) a) não material e efêmero – gestos, rituais, canções, poemas, dança, oração; b) material e efêmero, modelo, Croqui;

3) a) in situ - arte rupestre, mapas visualizados; b) objetos móveis e comparáveis – pinturas, desenhos, croquis, modelos, tecidos, cerâmica, registro de mapas de performance.

Mais próximos da idéia contemporânea de atlas subjetivos, os mapas desta categoria são artefatos físicos que podem ser encontrados fixados em um lugar (arte rupestre, desenho de mapas em habitações, paredes etc.) ou são registros 'móveis', 'portáteis' como cerâmica, tecidos, descrições ou desenhos de performance etc.

Ainda que possa se dizer que esta noção de atlas subjetivos tenho um 'pé' na arte, Fairbairn [51] diferencia cartografia de arte: "em ambos os casos pode-se detectar semelhanças entre os meios pelos quais eles atuam em 'matéria-prima' (definida de formas específicas), transformando-o de maneiras diferentes e para diferentes fins". Incorporar um ponto de vista realista apenas traz sensação de familiaridade para a percepção do observador. Mas isso não precisa ser um compromisso.

CONCLUSÃO

Espera-se contribuir não somente com conhecimento teórico sobre as estratégias de comunicação dentro do design, mas também com recursos práticos destinados à construção de documentos visuais. De outra forma, os resultados obtidos podem fornecer subsídios ao conceito de mapas subjetivos como forma de conhecimento. Supõe-se, por decorrência, que esses resultados possam contribuir para outras áreas de estudo, como às relacionadas às ciências sociais e ao comportamento. Note-se que o resultado desse estudo, na forma de modelo experimental, também pretende ser agente transformador social.

Das pesquisas realizadas até o momento, percebe-se que há um amplo material sobre percepção não direcionado às pesquisas relacionadas ao ambiente. Com a facilidade de acesso dos sistemas web e a possibilidade de desenvolvimento de ações colaborativas, há um processo sutil de criação de ações voltadas à

cartografia urbana, especialmente ligadas a iniciativas artísticas.

Dos resultados futuros, espera-se identificar e descrever as possibilidades de aplicação de um roteiro para a criação de um atlas subjetivo.

BIBLIOGRAFIA

- [1] FERREIRA, Conceição Coelho; SIMÕES, Natércia Neves. A Evolução do Pensamento Geográfico. Lisboa: Gradiva, 1994, p 30.
- [2] CLAVAL, Paul. A geografia cultural. 3. ed. Florianópolis: da UFSC, 2007, p 219.
- [3] MEDEIROS, Denise Ouriques. Infográficos: o Visual da Informação – Parte 1. São Paulo: Publish, 2010, p 58.
- [4] VET, Annelys de. Subjective Atlas of the European Union. Tallinn (Estônia): Eesti Ekspress, 2004. Disponível em <www.annelysdevet.nl>, acessado em 13 de agosto de 2013.
- [5] MARTINELLI, Marcello. Mapas da geografia e cartografia temática. São Paulo: Contexto, 2009, p 08.
- [6] LEÃO, Lúcia (org.). Derivas: Cartografias do Ciberespaço. São Paulo: Annablume, SENAC, 2004, p 09.
- [7] LEIRIAS, Ana Gabriela. Novas cartografias online, arte contemporânea e outras geografias. Geograficidade | v.2, Número especial, Primavera 2012, p 123.
- [8] AULETE, iDicionário. Psicogeografia – conceito. Disponível em <http://aulete.uol.com.br/psicogeografia>, acessado em 13 de agosto de 2013.
- [9] CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013, pp 28-29.
- [10] CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013, pp 30.
- [11] HASLAM, Andrew. O Livro e o Designer II. São Paulo: Rosari, 2010, p 119.
- [12] LIDWELL, Willian; HOLDEN, Kritina; BUTLER, Jill. Principios universales de diseño. Barcelona: Blume, 2008, p 16.
- [13] FERREIRA, Conceição Coelho; SIMÕES, Natércia Neves. A Evolução do Pensamento Geográfico. Lisboa: Gradiva, 1994, p 95.
- [14] VET, Annelys de. Subjective Atlas of ...: About Amsterdã: 2011. Disponível em <subjectiveatlas.info>, acessado em 13 de agosto de 2013.
- [15] BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 93.
- [16] GOUVEIA, Patrícia Figueira. Cartografia e mapeamento dinâmico. Lisboa: Tendências da Cultura da Rede em Portugal, 2012, p 10.
- [17] PIMENTA, Emanuel Dimas de Melo. Teleantropos. Lisboa: Estampa, 1999, p 68.
- [18] MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 2005, p 143.
- [19] SEVCENKO, Nicolau. A corrida para o século XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p 128.
- [20] LEIRIAS, Ana Gabriela. Novas cartografias online, arte contemporânea e outras geografias. Geograficidade | v.2, Número especial, Primavera 2012, p 119.